

## PAULO E SUAS VIAGENS

James I. Packer, Merryl E. Tenney e William White Jr., *O Mundo do Novo Testamento* (São Paulo: Vida, 1994), pp. 159-179.

“Ele era um homem de pequena estatura,” afirmam os *Atos de Paulo*, escrito apócrifo do segundo século, “parcialmente calvo, pernas arqueadas, de compleição robusta, olhos próximos um do outro, e nariz um tanto curvo.” Se esta descrição merecer crédito, ela fala um bocado mais a respeito desse homem natural de Tarso, que viveu quase sete décadas cheias de acontecimentos após o nascimento de Jesus. Ela se encaixaria no registro do próprio Paulo de um insulto dirigido contra ele em Corinto. “As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes; mas a presença pessoal dele é fraca, e a palavra desprezível” (2 Coríntios 10.10).

Sua verdadeira aparência teremos de deixar por conta dos artistas, pois não sabemos ao certo. Matérias mais importantes, porém, demandam atenção — o que ele sentia, o que ele ensinava, o que ele fazia. Sabemos o que esse homem de Tarso chegou a crer acerca da pessoa e obra de Cristo, e de outros assuntos cruciais para a fé cristã. As cartas procedentes de sua pena, preservadas no Novo Testamento, dão eloqüente testemunho da paixão de suas convicções e do poder de sua lógica.

Aqui e acolá em suas cartas encontramos pedacinhos de autobiografia. Também temos, nos Atos dos Apóstolos, um amplo esboço das atividades de Paulo. Lucas, autor dos Atos, era médico e historiador gentio do primeiro século.

Assim, enquanto o teólogo tem material suficiente para criar intérminos debates acerca daquilo em que Paulo acreditava, o historiador dispõe de poucos registros. Quem se der ao trabalho de escrever a biografia de Paulo descobrirá lacunas na vida do apóstolo que só poderão ser preenchidas por conjeturas.

À semelhança de um meteoro brilhante, Paulo lampeja repentinamente em cena como um adulto numa crise religiosa, resolvida pela conversão. Desaparece por muitos anos de preparação. Reaparece no papel de estadista missionário, e durante algum tempo podemos acompanhar seus movimentos através do horizonte do primeiro século. Antes de sua morte, ele flameja até entrar nas sombras além do alcance da vista.

### O JOVEM SAULO

Antes, porém, que possamos entender Paulo, o missionário cristão aos gentios, é necessário que passemos algum tempo com Saulo de Tarso, o jovem fariseu. Encontramos em Atos a explicação de Paulo sobre sua identidade: "Eu sou judeu, natural de Tarso, cidade não insignificante da Cilícia" (Atos 21:39). Esta afirmação nos dá o primeiro fio para tecermos o pano de fundo da vida de Paulo.

**A. Da Cidade de Tarso.** No primeiro século, Tarso era a principal cidade da província da Cilícia na parte oriental da Ásia Menor. Embora localizada cerca de 16 km no interior, a

cidade era um importante porto que dava acesso ao mar por via do rio Cnido, que passava no meio dela.

Ao norte de Tarso erguiam-se imponentes, cobertas de neve, as montanhas do Tauro, que forneciam a madeira que constituía um dos principais artigos de comércio dos mercadores tarsenses. Uma importante estrada romana corria ao norte, fora da cidade e através de um estreito desfiladeiro nas montanhas, conhecido como "Portas Cilicianas". Muitas lutas militares antigas foram travadas nesse passo entre as montanhas.

Tarso era uma cidade de fronteira, um lugar de encontro do Leste e do Oeste, e uma encruzilhada para o comércio que fluía em ambas as direções, por terra e por mar. Tarso possuía uma preciosa herança. Os fatos e as lendas se entremesclavam, tornando seus cidadãos ferozmente orgulhosos de seu passado. O general romano Marco Antônio concedeu-lhe o privilégio de *libera civitas* ("cidade livre") em 42 a.C. Por conseguinte, embora fizesse parte de uma província romana, era autônoma, e não estava sujeita a pagar tributo a Roma. As tradições democráticas da cidade-estado grega de longa data estavam estabelecidas no tempo de Paulo.

Nessa cidade cresceu o jovem Saulo. Em seus escritos, encontramos reflexos de vistas e cenas de Tarso de quando ele era rapaz. Em nítido contraste com as ilustrações rurais de Jesus, as metáforas de Paulo têm origem na vida cidadina.

O reflexo do sol mediterrânico nos capacetes e lanças romanos teriam sido uma visão comum em Tarso durante a infância de Saulo. Talvez fosse este o fundo histórico para a sua ilustração concernente à guerra cristã, na qual ele insiste em que "as armas da nossa milícia não são carnisais, e, sim, poderosas em Deus, para destruir fortalezas" (2 Coríntios 10:4).

Paulo escreve de "naufragar" (1 Timóteo 1.19), do oleiro (Romanos 9:21), de ser conduzido em "triumfo" (2 Coríntios 2:14). Ele compara o tabernáculo terrestre desta vida a um edifício de Deus, casa não feita por mãos, eterna, nos céus" (2 Coríntios 5:1). Ele toma a palavra grega para teatro e, com audácia, aplica-a aos apóstolos, dizendo: "nos tornamos um espetáculo (teatro) ao mundo (1 Coríntios 4:9).

Tais declarações refletem a vida típica da cidade em que Paulo passou os anos formativos da sua meninice. Assim as vistas e os sons deste azafamado porto marítimo formam um pano de fundo em face do qual a vida e o pensamento de Paulo se tornaram mais compreensíveis. Não é de admirar que ele se referisse a Tarso como "cidade não insignificante".

Os filósofos de Tarso eram quase todos estóicos. As idéias estóicas, embora essencialmente pagãs, produziram alguns dos mais nobres pensadores do mundo antigo. Atenodoro de Tarso é um esplêndido exemplo. Ao se retirar da vida pública de Roma e voltar para sua cidade natal, Atenodoro deu este conselho a César Augusto: "Quando estiver irado, César, nada diga e nada faça até que tenha repetido as letras do alfabeto". Também se atribui a ele este dito: "Vive de tal modo com os homens como se Deus te visse; fala com Deus de tal modo como se os homens estivessem ouvindo."

Embora Atenodoro tenha morrido no ano 7 d.C., quando Saulo não passava de um menino pequeno, por muito tempo o seu nome permaneceu como herói em Tarso. É quase impossível que o jovem Saulo não tivesse ouvido algo a respeito dele.

Quanto, exatamente, foi o contato que o jovem Saulo teve com esse mundo da filosofia em Tarso? Não sabemos; ele não no-lo disse. Mas as marcas da ampla educação e contato com a erudição grega o acompanham quando homem feito. Ele sabia o suficiente sobre tais questões para pleitear diante de toda sorte de homens a causa que ele representava. Também estava cômico dos perigos das filosofias religiosas especulativas dos gregos. "Cuidado que ninguém vos venha a enredar com sua filosofia e vãs sutilezas, conforme a tradição dos homens... e não segundo Cristo", foi sua advertência à igreja de Colossos (Colossenses 2.8).

**Mileto.** Das grandes cidades gregas da costa oeste da Ásia Menor, a que ficava no extremo sul era Mileto; floresceu como centro comercial antes de ser destruída pelos persas em 494 a.C. Quando Paulo aí chegou (Atos 20:15; 2 Timóteo 4:20), a cidade fazia parte da província romana da Ásia e declinava comercialmente porque seu porto se estava enchendo de sedimento. Além do teatro encontra-se o antigo porto, hoje um pantanal.

#### **Método de Pregação de Paulo**

Paulo foi um pregador persuasivo. Os estudos de sua meninice aos pés de Gamaliel haviam fortalecido sua ortodoxia hebraica. Redirecionado por Jesus Cristo, Paulo exortava seus ouvintes a crer e ser salvos. Paulo apontava para sua própria vida e obra como prova de sua mensagem (2 Coríntios 12:12). Ele anunciava boas novas experimentadas pessoalmente (Filipenses 3:12). Escreveu: "Para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro" (Filipenses 1:21). Os auditórios achavam Paulo franco, corajosamente zeloso, equilibrado e simpático. Paulo trazia à lembrança de seus ouvintes judeus sua história, sua língua, seus costumes (Atos 13:14-43; 22:2; 216-9). Entre os gentios, ele apelava para a curiosidade grega a respeito de novos ensinamentos (Atos 16:37; 17:22 e seguintes). Ele atraía a atenção dos ouvintes com palavras, gestos, ações dramáticas, e advertências (Atos 13:16, 40; 14:14-15).

O único objetivo de Paulo era ganhar almas para Cristo. Suas exortações e advertências eram calorosas e emocionais (1 Coríntios 15:58). Também usava argumentos convincentes, resumos bem desenvolvidos (1 Coríntios 10:31-33), e aplicações pessoais (Filipenses 3:17; 1 Coríntios 11:1).

A pregação de Paulo correspondia, de perto ao modelo de pregação de Pedro no Pentecoste. Pedro ressaltara cinco pontos: [1] "varão aprovado por Deus diante de vós" (Atos 2:22). [2] "vós o matastes, crucificando-o" (Atos 2:23). [3] "ao qual, porém, Deus ressuscitou... A este Jesus Deus ressuscitou? (Atos 2:24, 32). [4] "a este Jesus... Deus o fez Senhor e Cristo" (2:36). [5] "e recebereis o dom do Espírito Santo" (Atos 2:38).

Paulo declarou: [1] "Deus... escolheu nossos pais... Da descendência deste, ... trouxe Deus a Israel o Salvador" (Atos 13:17, 23). [2] "pediram... que ele fosse morto" (Atos 13:28). [3] "Mas Deus o ressuscitou dentre os mortos... e foi visto muitos dias pelos que com ele subiram. . ." (Atos 13:30-31). [4] "Deus a cumpriu... a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus" (Atos 13:33). Em outro lugar, Paulo revela a salvação de Deus para os gentios (Atos 14:15-17; 17:22-31).

Paulo refletia os ensinamentos de Jesus, embora raramente citasse o Mestre. Ele pregava com amor e compaixão pastorais. Sua mensagem fez muitos amigos e alguns inimigos, mas permitiu que fossem poucas as pessoas acomodadas. Sua teologia tinha por centro a pessoa e obra de Cristo. Ele cria que as exigências éticas da lei judaica deviam ser cumpridas; mas também cria que o novo homem, cheio do Espírito devia executar em virtude de motivação interior aquilo que as exigências da lei deixaram de realizar pela força.

**B. Cidadão Romano.** Paulo não era apenas "cidadão de uma cidade não insignificante", mas também cidadão romano. Isso nos dá ainda outra pista para o fundo histórico de sua meninice.

Em Atos 22:24-29 vemos Paulo conversando com um centurião romano e com um tribuno romano. (Centurião era um militar de alta patente no exército romano com 100 homens sob seu comando; o tribuno, neste caso, seria um comandante militar.) Por ordens do tribuno, o centurião estava prestes a açoitar Paulo. Mas o Apóstolo protestou: "Ser-vos-á porventura lícito açoitar um cidadão romano, sem estar condenado?" (Atos 22:25). O centurião levou a notícia ao tribuno, que fez mais inquirição. A ele Paulo não só afirmou sua cidadania romana mas explicou como se tornara tal: "Por direito de nascimento" (Atos 22:28). Isso implica que seu pai fora cidadão romano.

Podia-se obter a cidadania romana de vários modos. O tribuno, ou comandante, desta narrativa, declara haver "comprado" sua cidadania por "grande soma de dinheiro" (Atos 22:28). No mais das vezes, porém, a cidadania era uma recompensa por algum serviço de distinção fora do comum ao Império Romano, ou era concedida quando um escravo recebia a liberdade.

A cidadania romana era preciosa, pois acarretava direitos e privilégios especiais como, por exemplo, a isenção de certas formas de castigo. Um cidadão romano não podia ser açoitado nem crucificado.

Todavia, o relacionamento dos judeus com Roma não era de todo feliz. Raramente os judeus se tomavam cidadãos romanos. Quase todos os judeus que alcançaram a cidadania moravam fora da Palestina.

**C. De Descendência judaica.** Devemos, também, considerar a ascendência judaica de Paulo e o impacto da fé religiosa de sua família. Ele se descreve aos cristãos de Filipos como "da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu" (Filipenses 15). Noutra ocasião ele chamou a si próprio de "israelita da descendência de Abraão, da tribo de Benjamim" (Romanos 11:1).

Dessa forma Paulo pertencia a uma linhagem que remontava ao pai de seu povo, Abraão. Da tribo de Benjamim saíra o primeiro rei de Israel, Saul, em consideração ao qual o menino de Tarso fora chamado Saulo.

A escola da sinagoga ajudava os pais judeus a transmitir a herança religiosa de Israel aos filhos. O menino começava a ler as Escrituras com apenas cinco anos de idade. Aos dez, estaria estudando a *Mishna* com suas interpretações emaranhadas da Lei. Assim, ele se aprofundou na história, nos costumes, nas Escrituras e na língua do seu povo. O vocabulário posterior de Paulo era fortemente colorido pela linguagem da Septuaginta, a Bíblia dos judeus helenistas.

Dentre os principais "partidos" dos judeus, os fariseus eram os mais estritos. Estavam decididos a resistir aos esforços de seus conquistadores romanos de impor-lhes novas crenças e novos estilos de vida. No primeiro século eles se haviam tornado a "aristocracia espiritual"

de seu povo. Paulo era fariseu, filho de fariseus" (Atos 216). Podemos estar certos, pois, de que seu preparo religioso tinha raízes na lealdade aos regulamentos da Lei, conforme a interpretavam os rabinos. Aos treze anos ele devia assumir responsabilidade pessoal pela obediência a essa Lei. Saulo de Tarso passou em Jerusalém sua virilidade aos pés de Gamaliel, onde foi instruído segundo a exatidão da lei (Atos 213). Gamaliel era neto de Hillel, um dos maiores rabinos judeus. A escola de Hillel era a mais liberal das duas principais escolas de pensamento entre os fariseus. Em Atos 5:33-39 temos um vislumbre de Gamaliel, descrito como "acatado por todo o povo".

Exigia-se dos estudantes rabínicos que aprendessem um ofício de sorte que pudessem, mais tarde, ensinar sem tornar-se um ônus para o povo. Paulo escolheu uma indústria típica de Tarso, fabricar tendas de tecido de pêlo de cabra. Sua perícia nessa profissão proporcionou-lhe mais tarde um grande incremento em sua obra missionária.

Após completar seus estudos com Gamaliel, esse jovem fariseu provavelmente voltou para sua casa em Tarso onde passou alguns anos. Não temos evidência de que ele se tenha encontrado com Jesus ou que o tivesse conhecido durante o ministério do Mestre na terra.

#### **Gamaliel**

Gamaliel é o único mestre mencionado duas vezes no Novo Testamento (Atos 5:34; 22:3), mas ele pode ter exercido uma influência mais profunda sobre o curso do Cristianismo do que essas breves referências indicam. Ele era um dos poucos dirigentes judeus que mereciam o título de Rabban "nosso mestre, ou "nosso grande") em vez do então título comum Rabbi "meu mestre"). Gamaliel mantinha um lugar respeitado no Sinédrio. A alta estima dos judeus por Gamaliel é demonstrada pelo comentário de um rabino feito por ocasião de sua morte: "Quando morreu Rabban Gamaliel o Ancião, a glória da Lei cessou, e a pureza e a abstinência morreram."

Encontramos pistas da influência de Gamaliel sobre o Cristianismo em duas referências bíblicas. Na primeira (Atos 5:34), o Sinédrio reuniu-se numa sessão especialmente convocada para tratar do problema dos cristãos que insistiam em que o Sinédrio era responsável pela morte do Messias. Nessa sessão emocionalmente acalorada, Gamaliel levantou-se e pediu a Pedro e aos demais crentes que se retirassem por um momento de sorte que ele pudesse falar. Isto feito, ele prosseguiu com um discurso surpreendentemente criterioso que obviamente balançou o Sinédrio: "Agora vos digo: Dai de mão a estes homens, deixai-os ir; porque se este conselho ou esta obra vem de homens, perecerá; mas, se é de Deus, não podereis destruí-los, para que não sejais, porventura, achados lutando contra Deus" (Atos 5:38-39). Em vez da surra que previam, Pedro e os apóstolos receberam uma severa advertência e foram postos em liberdade.

A segunda referência (Atos 22:3) foi feita por Paulo, ex-aluno de Gamaliel. Paulo apelava para uma multidão judaica amotinada, e não hesitou em vincular-se com esse grande mestre.

A grandeza de Gamaliel reside em sua devoção a Deus e à Lei. Esses incidentes pintam, pelo menos, um retrato parcial de sua personalidade e a tradição judaica diz-nos que esse estadista ancião acentuou a importância do arrependimento em vez das "obras". Talvez a ênfase de Paulo sobre esta grande doutrina cristã tenha suas raízes no ensino de Gamaliel.

A influência posterior de Gamaliel sobre Paulo pode apenas ser conjeturada. Certamente o grande zelo de Paulo - primeiro pela Lei, depois por Cristo - proveio de Gamaliel. O amor de Paulo pela verdade e seu completo entendimento das Escrituras podiam também ser atribuídos ao seu mestre. Com este preparo, ungido pelo Espírito Santo, Paulo construiu os seus tratados do Novo Testamento sobre a fé cristã, sobre a igreja, sobre a justificação e sobre a regeneração. A forma clara e lógica de Paulo de explicar as grandes doutrinas da fé cristã foi, sem dúvida, resultado, pelo menos em parte, de sua educação escolar "aos pés de Gamaliel".

Da pena do próprio Paulo bem como do livro de Atos vem-nos a informação de que depois ele voltou a Jerusalém e dedicou suas energias à perseguição dos judeus que seguiam os ensinamentos de Jesus de Nazaré. Paulo nunca pôde perdoar-se pelo ódio e pela violência que caracterizaram sua vida durante esses anos. "Porque eu sou o menor dos apóstolos", escreveu ele mais tarde,"... pois persegui a igreja de Deus" (1 Coríntios 15:9). Em outras passagens ele se denomina "perseguidor da igreja" (Filipenses 16)," como sobremaneira perseguia eu a igreja de Deus e a devastava" (Gálatas 1:13).

Uma referência autobiográfica na primeira carta de Paulo a Timóteo jorra alguma luz sobre a questão de como um homem de consciência tão sensível pudesse participar dessa violência contra o seu próprio povo. " ... noutro tempo era blasfemo e perseguidor e insolente. Mas obtive misericórdia, pois o fiz na ignorância, na incredulidade" (1 Timóteo 1:13). A história da religião está repleta de exemplos de outros que cometeram o mesmo erro. No mesmo trecho, Paulo refere a si próprio como "o principal" dos pecadores" (1 Timóteo 1:15), sem dúvida alguma por ter ele perseguido a Cristo e seus seguidores.

**D. A Morte de Estevão.** Não fora pelo modo como Estevão morreu (Atos 7:54-60), o jovem Saulo podia ter deixado a cena do apedrejamento sem comoção alguma, ele que havia tomado conta das vestes dos apedrejadores. Teria parecido apenas outra execução legal.

Mas quando Estevão se ajoelhou e as pedras martirizantes choveram sobre sua cabeça indefesa, ele deu testemunho da visão de Cristo na glória, e orou: "Senhor, não lhes imputes este pecado" (Atos 7:60).

Embora essa crise tenha lançado Paulo em sua carreira como caçador de hereges, é natural supor que as palavras de Estevão tenham permanecido com ele de sorte que ele se tornou "caçado" também pela consciência.

**E. Uma Carreira de Perseguição.** Os eventos que se seguiram ao martírio de Estevão não são agradáveis de ler. A história é narrada num só fôlego: "Saulo, porém, assolava a igreja, entrando pelas casas e, arrastando homens e mulheres, encerrava-os no cárcere" (Atos 8:3).

## CONVERSÃO NA ESTRADA DE DAMASCO

A perseguição em Jerusalém na realidade espalhou a semente da fé. Os crentes se dispersaram e em breve a nova fé estava sendo pregada por toda a parte (cf. Atos 8:4). "Respirando ainda ameaças e morte contra os discípulos do Senhor" (Atos 9:1), Saulo resolveu que já era tempo de levar a campanha a algumas das "cidades estrangeiras" nas quais se abrigaram os discípulos dispersos. O comprido braço do Sinédrio podia alcançar a mais longínqua sinagoga do império em questões de religião. Nesse tempo, os seguidores de Cristo ainda eram considerados como seita herética.

Assim, Saulo partiu para Damasco, cerca de 240 km distante, provido de credenciais que lhe dariam autoridade para, encontrando os "que eram do caminho, assim homens como mulheres, os levasse presos para Jerusalém" (Atos 9:2).



Que é que se passava na mente de Saulo durante a viagem, dia após dia, no pó da estrada e sob o calor escaldante do sol? A auto-revelação intensamente pessoal de Romanos 7:7-13 pode dar-nos uma pista. Vemos aqui a luta de um homem consciencioso para encontrar paz mediante a observância de todas as pormenorizadas ramificações da Lei.

Isso o libertou? A resposta de Paulo, baseada em sua experiência, foi negativa. Pelo contrário, tornou-se um peso e uma tensão intoleráveis. A influência do ambiente helenístico de Tarso não deve ser menosprezada ao tentarmos encontrar o motivo da frustração interior de Saulo. Depois de seu retorno a Jerusalém, ele deve ter achado irritante o rígido farisaísmo, muito embora professasse aceitá-lo de todo o coração. Ele havia respirado ar mais livre durante a maior parte de sua vida, e não poderia renunciar à liberdade a que estava acostumado.

Contudo, era de natureza espiritual o motivo mais profundo de sua tristeza. Ele tentara guardar a Lei, mas descobrira que não poderia fazê-lo em virtude de sua natureza pecaminosa decaída. De que modo, pois, poderia ele ser reto para com Deus?

Com Damasco à vista, aconteceu uma coisa momentosa. Num lampejo cegante, Paulo se viu despido de todo o orgulho e presunção, como perseguidor do Messias de Deus e do seu povo. Estevão estivera certo, e ele errado. Em face do Cristo vivo, Saulo capitulou. Ele ouviu uma voz que dizia: "Eu sou Jesus, a quem tu persegues;... levanta-te, e entra na cidade, onde te dirão o que te convém fazer" (Atos 9:5-6). E Saulo obedeceu.

Durante sua estada na cidade, "Esteve três dias sem ver, durante os quais nada comeu nem bebeu" (Atos 9:9). Um discípulo residente em Damasco, por nome Ananias, tornou-se amigo e conselheiro, um homem que não teve receio de crer que a conversão de Paulo fora autêntica. Mediante as orações de Ananias, Deus restaurou a vista a Paulo.

## **PRIMEIRA FASE DO MINISTÉRIO**

Paulo começou, na sinagoga de Damasco, a dar testemunho de sua fé recém-encontrada. O tema de sua mensagem concernente a Jesus era: "Este é o Filho de Deus" (Atos 9:20). Mas Paulo tinha de aprender amargas lições antes que pudesse apresentar-se como líder cristão confiável e eficiente. Descobriu que as pessoas não se esquecem com facilidade; os erros do homem podem persegui-lo por um longo tempo, mesmo depois que ele os tenha abandonado. Muitos dos discípulos suspeitavam de Paulo, e seus ex-companheiros de perseguições o odiavam. Ele pregou por breve tempo em Damasco, foi-se para a Arábia e depois voltou para Damasco.

A segunda tentativa de Paulo de pregar em Damasco igualmente não teve bom resultado. Um ano ou dois haviam decorrido desde a sua conversão, mas os judeus se lembravam de como ele havia desertado de sua primeira missão em Damasco. O ódio contra ele inflamou-se de novo e "deliberaram entre si tirar-lhe a vida" (Atos 9:23). A dramática história da fuga de Paulo por sobre a muralha, num cesto, tem prendido a imaginação de muitos.

Os dias de preparação de Paulo não estavam terminados. O relato que ele faz aos gálatas continua, dizendo: "Decorridos três anos, então subi a Jerusalém. . ." (Gálatas 1:18). Ali ele encontrou a mesma hostil recepção que teve em Damasco. Uma vez mais foi obrigado a fugir.

Paulo desapareceu por alguns anos. Esses anos que ele passou escondido deram-lhe convicções amadurecidas e estatura espiritual de que ele necessitaria em seu ministério. Em Antioquia, os gentios estavam sendo convertidos a Cristo. A Igreja em Jerusalém teve de decidir como cuidar desses novos crentes. Foi então que Barnabé se lembrou de Paulo e se dirigiu a Tarso à sua procura (Atos 11:25). Barnabé já tinha sido instrumento na apresentação de Paulo em Jerusalém, num esforço por afastar suspeitas contra ele.

A esses dois homens foi confiada a tarefa de levar socorro à Judéia onde os seguidores de Jesus estavam passando fome. Quando Barnabé e Paulo voltaram a Antioquia, missão cumprida, trouxeram consigo o jovem João, apelidado Marcos, sobrinho de Barnabé (Atos 12:25).

### VIAGENS MISSIONÁRIAS

A jovem e florescente igreja de Antioquia resolve enviar a Barnabé e a Paulo como missionários. O primeiro porto de escala na primeira viagem missionária foi Salamina, na ilha de Chipre, terra natal de Barnabé. Este fato, juntamente com a freqüente apresentação que a Bitínia faz desses missionários como "Barnabé e Saulo" indica que Paulo desempenhava papel secundário. Esta era a viagem de Barnabé; Paulo exercia o segundo posto de comando, e os dois tinham "João [Marcos] como auxiliar" (Atos 115).

O êxito de seus esforços missionários nessa ilha incentivaram Paulo e seus parceiros a avançar para território mais difícil. Fizeram uma viagem mais longa por mar, desta vez até Perge, já em terras continentais da Ásia Menor. Dali Paulo pretendia viajar pelo interior numa missão perigosa até à Antioquia da Pisídia.

Mas, exatamente neste ponto, aconteceu algo que causou muita dor de cabeça aos três. O ajudante, João Marcos, "apartando-se deles, voltou para Jerusalém" (Atos 13:13), onde morava. A Bitínia não nos diz por que, embora seja natural conjecturar que lhe faltaram coragem e confiança. A súbita mudança dos planos de Marcos causaria, mais tarde, conflito entre Paulo e Barnabé.

Em Antioquia, Paulo tornou-se o porta-voz e criou-se um padrão conhecido de todos. Alguns criam em sua mensagem e se regozijavam; outros a rejeitavam e provocavam oposição. Aconteceu pela primeira vez em Antioquia, depois em Icônio. Em Listra ele foi apedrejado e dado por morto (Atos 14:19), mas sobreviveu e pôde pros-seguir até à cidade de Derbe.

A visita de Paulo e Barnabé a Derbe completou a sua primeira viagem. Logo Paulo resolveu percorrer de novo a difícil rota sobre a qual ele tinha vindo, a fim de fortalecer, encorajar e organizar os grupos cristãos que ele e Barnabé haviam estabelecido.



Nisto discernimos o plano de Paulo de estabelecer congregações nas principais cidades do Império. Ele não deixava seus convertidos desorganizados e sem liderança capaz, mas, pelo mesmo motivo, não permanecia muito tempo num só lugar.

Os judeus muitas vezes faziam convertidos entre os gentios, mas estes eram mantidos numa posição de “segunda classe”. A não ser que estivessem preparados para submeter-se à circuncisão e aceitar a interpretação da Lei segundo os fariseus, eles permaneciam à margem da congregação judaica. Mesmo que chegassem a esse ponto, o fato de não terem nascido judeus ainda os barrava de usufruir completa comunhão.

Assim, qual seria a relação dos convertidos gentios com a comunidade cristã? Paulo e Barnabé viajaram a Jerusalém a fim de conferenciar com os dirigentes ali a respeito desse problema fundamental. Em Jerusalém, Paulo expôs as suas convicções e saiu vencedor. A descrição da controvérsia que o próprio Paulo apresenta aos gálatas declara que lhe estenderam "a destra de comunhão" e igualmente a Barnabé. Os dirigentes da igreja concordaram em que "nós fôssemos para os gentios" (Gálatas 2:9). Após a conferência de Jerusalém, Paulo e Barnabé” demoraram-se em Antioquia, ensinando e pregando,... a palavra do Senhor" (Atos 15:35). Aqui, dois incidentes causaram severas tensões às relações de trabalho de Paulo com Pedro e Barnabé.

O primeiro desses incidentes surgiu dos mesmos problemas que provocaram a conferência de Jerusalém. A conferência havia liberado os gentios do regulamento judaico da circuncisão. Contudo, não havia decidido se os cristãos de origem judaica poderiam comer com os convertidos gentios. Pedro tomou posição ao lado de Paulo nessa praxe, o que envolvia relaxar os regulamentos dos judeus com vistas a alimentos. Na realidade, Pedro deu o exemplo comendo com gentios. Mais tarde, porém, ele “afastou-se, por fim, veio a apartar-se” (Gálatas 2:12), e Barnabé se deixou levar “pela dissimulação deles” (v. 13).

Paulo, considerando esses atos como nova ameaça à sua missão entre os gentios, recorreu a uma medida drástica. "Resisti-lhe [a Pedro] face a face, porque se tornara repreensível" (Gálatas 2:11). Ele fez isso na presença de todos" (v. 14). Em outras palavras, ele recorreu à censura pública.

Esse incidente ajuda-nos a entender o segundo, que Lucas registra em Atos 15:36-40. Barnabé desejava que o jovem Marcos os acompanhasse na segunda viagem missionária; Paulo opôs-se à idéia. E a narrativa diz que “houve entre eles tal desavença que vieram a separar-se” (v. 39).

Não sabemos se Paulo e Barnabé voltaram a encontrar-se. Eles "concordaram em discordar” e empreenderam viagens, cada um para seu lado. Sem dúvida o evangelho foi desse modo promovido mais do que se tivessem permanecido juntos.

Então "Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu... E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas" (Atos 15:40, 41). Depois de nova visita a Derbe, o último ponto visitado na primeira viagem, Paulo e seu grupo prosseguiram até Listra para ver seus convertidos nesta cida-

de. Aqui Paulo encontrou um jovem cristão chamado Timóteo (Atos 16:1), e viu nele um substituto potencial para Marcos.

O que aconteceu aqui redimiu Paulo de qualquer acusação de não se mostrar disposto a depositar confiança em homens mais moços do que ele. Em 1 Timóteo 1:2 dirigiu-se ao jovem Timóteo "verdadeiro filho", e na segunda epístola fala dele como "amado filho" (2 Timóteo 1:2). Na segunda epístola lemos também: "pela recordação que guardo da tua fé, a mesma que primeiramente habitou em tua avó Lóide, e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também em ti" (2 Timóteo 1:5). Esta referência pode significar que a família de Timóteo fora ganha para Cristo por Paulo e Barnabé na sua primeira viagem. Por certo, quando Paulo voltou, ele quis que Timóteo "fosse em sua companhia" (Atos 16:3). Este mesmo versículo acrescenta que Paulo "circuncidou-o por causa dos judeus". Era esta atitude coerente com o julgamento anterior de Paulo sobre Pedro? Ou se devia ao fato de ter ele aprendido a não criar problemas desnecessários? De qualquer modo, uma vez que Timóteo era meio-judeu, esta decisão evitaria problemas muitas vezes. Paulo sabia como lutar por um princípio e como ceder por conveniência quando não estava em jogo nenhum princípio. Paulo sustentava que a circuncisão não era necessária à salvação (cf. Gálatas), mas estava pronto para circuncidar um judeu cristão como uma questão de conveniência.

Quando o grupo de evangelistas (dirigido de algum modo não especificado pelo Espírito Santo, Atos 16:6-8) chegou a Trôade e se pôs a contemplar o outro lado da estreita península, deve ter ponderado sobre a perspectiva de avançar sua campanha ao continente europeu. A decisão foi tomada quando "à noite, sobreveio a Paulo uma visão, na qual um varão macedônio estava em pé e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos" (Atos 16:9). A resposta de Paulo foi imediata. O grupo navegou para a Europa. Muitos escritores têm sugerido que esse "varão macedônio" pode ter sido o médico Lucas. De qualquer maneira, parece que neste ponto ele entrou no drama de viagem, porque agora ele começa a referir-se aos missionários como "nós".

A viagem continuou ao longo da grande estrada romana que corre para o Ocidente através das principais cidades da Macedônia - desde Filipos até Tessalônica, e de Tessalônica a Beréia. Durante três semanas, Paulo falou na sinagoga de Tessalônica; depois foi para Atenas, centro da erudição grega, e cidade onde dominava a idolatria (Atos 17:16). Incansável, ele partiu para Corinto.

Sua primeira e grande missão no mundo gentio estendeu-se por quase três anos. Depois ele voltou a Antioquia. Após uma curta permanência em Antioquia, Paulo partiu em sua terceira viagem missionária no ano 52 d.C. Desta vez suas primeiras paradas foram na Galácia e na Frígia. Depois de visitar as igrejas em Derbe, Listra, Icônio e Antioquia, ele resolveu fazer algum trabalho missionário intensivo em Éfeso, a capital da província romana da Ásia. Estrategicamente localizada para comércio, era superada somente por Roma, Alexandria e Antioquia em tamanho e importância. Como resultado dos trabalhos de Paulo ali, ela tornou-se a terceira mais importante cidade na história do Cristianismo primitivo - Jerusalém, Antioquia, depois Éfeso.

Paulo chegou a Éfeso para empreender o que provou ser as mais extensas e cheias de êxito de suas atividades missionárias em qualquer localidade. Mas esses anos lhe foram estrê-

nuos. Visto que ele sustentava a si próprio trabalhando em sua profissão, seus dias eram longos. Seguindo o costume dos trabalhadores de um clima tão quente, ele levantava-se antes de raiar o dia e começava a trabalhar. As horas da tarde ele as empregava no ensino e pregação, e é provável que também as horas vespertinas. Isto ele fez "diariamente" durante "dois anos". Em sua própria descrição desses trabalhos, Paulo acrescenta que ele não só ensinava em público, mas "também de casa em casa" (Atos 20:20). Teve êxito - muito bom êxito. Somos informados de "milagres extraordinários" (Atos 19:11) ocorridos durante esses dias agitados em Éfeso. A nova fé causou tal impacto sobre a cidade que "muitos dos que haviam praticado artes mágicas, reunindo os seus livros, os queimaram diante de todos" (Atos 19:19). Isso suscitou o ódio dos adoradores pagãos, temerosos de que os cristãos solapassem a influência de sua religião.

Depois de três invernos em Éfeso, Paulo passou o seguinte em Corinto, em concordância com a promessa e a esperança expressas em 1 Coríntios 16:5-7. Ali Paulo fez outros preparativos para uma visita a Roma. Escreveu uma carta, dizendo aos cristãos de Roma: "Muito desejo ver-vos, ... muitas vezes me propus ir ter convosco-(Romanos 1:11, 13), e "penso em fazê-lo quando em viagem para a Espanha" (Romanos 15:24).

Paulo ignorou as advertências sobre os perigos que o ameaçavam se ele aparecesse de novo em Jerusalém. Ele achava que era decisivo voltar em pessoa, como portador da oferta das congregações gentias. Ele estava "pronto não só para ser preso, mas até para morrer em Jerusalém, pelo nome do Senhor Jesus" (Atos 21:13). De modo que Paulo foi de novo a Jerusalém, e Lucas escreve que "os irmãos nos receberam com alegria" (Atos 21:17). Mas espreitando nas sombras estava uma comissão de recepção com intenções diferentes.

## **PRISÃO E JULGAMENTO**

Os cristãos de Jerusalém ficaram felizes ao ouvir o relatório de Paulo sobre a divulgação da fé cristã. Contudo, alguns cristãos judeus duvidaram da sinceridade de Paulo. Para mostrar seu respeito pela tradição judaica, Paulo juntou-se a quatro homens que cumpriam um voto de nazireu no templo. Alguns judeus da Ásia agarraram Paulo e falsamente o acusaram de introduzir gentios no templo (Atos 21:27-29). O tribuno da guarnição romana levou Paulo em custódia para impedir um levante. Ao saber que Paulo era cidadão romano, o tribuno retirou-lhe as cadeias e pediu aos judeus que convocassem o Sinédrio para interrogá-lo.

Paulo percebeu que a multidão enfurecida poderia matá-lo. Assim, ele disse ao Sinédrio que fora preso por ser fariseu e crer na ressurreição dos mortos. Esta afirmação dividiu o Sinédrio em suas facções de fariseus e saduceus, e o comandante romano teve de salvar Paulo de novo.

Ouvindo dizer que os judeus tramavam uma emboscada contra Paulo, o comandante enviou-o de noite a Cesaréia, onde ficou guardado no palácio de Herodes. Paulo passou dois anos presos aí. Quando os acusadores de Paulo chegaram, acusaram-no de haver tentado profanar o templo e de ter criado uma revolta civil em Jerusalém (Atos 24:1-9). Félix, procurador romano, exigiu mais provas do tribuno em Jerusalém. Mas antes que estas chegassem, Félix foi substituído por um novo procurador, Pórcio Festo. Este novo oficial pediu

aos acusadores de Paulo que viessem de novo a Cesaréia. Ao chegarem, Paulo fez valer os seus direitos como cidadão romano de apresentar seu caso perante César.

Enquanto aguardava o navio para Roma, Paulo teve oportunidade de defender a sua causa perante o rei Agripa II que visitava Festo. O capítulo 26 de Atos registra o discurso de Paulo no qual ele contou de novo os eventos de sua vida até aquele ponto. Festo entregou Paulo aos cuidados de um centurião chamado Júlio que estava levando um navio carregado de prisioneiros para a cidade imperial. Após uma viagem acidentada, o navio naufragou na ilha de Malta. Três meses depois, Paulo e os demais prisioneiros tomaram outro navio para Roma.

Os cristãos de Roma viajaram quase cinqüenta quilômetros para dar as boas-vindas a Paulo (Atos 28:15). Em Roma Paulo foi posto sob prisão domiciliar, e em Atos 28:30 lemos que ele alugou uma casa por dois anos enquanto aguardava que César ouvisse o seu caso. O Novo Testamento não nos fala da morte de Paulo. Muitos estudiosos modernos crêem que César libertou o apóstolo, e que ele empenhou-se em mais trabalho missionário antes de ser preso pela segunda vez e executado.

Dois livros escritos antes do ano 200 d.C. - a Primeira Epístola de Clemente e os Atos de Paulo - asseveram que isso aconteceu. Indicam que Paulo foi decapitado em Roma perto do fim do reinado do imperador Nero (c. 67 d.C.).

### **A PERSONALIDADE DE PAULO EM SUAS CARTAS**

As epístolas de Paulo são o espelho de sua alma. Revelam seus motivos íntimos, suas mais profundas paixões, suas convicções fundamentais. Sem a sobrevivência das cartas de Paulo, ele seria para nós uma figura vaga, confusa. Paulo estava mais interessado nas pessoas e no que lhes acontecia do que em formalidades literárias. À medida que lemos os escritos de Paulo, notamos que suas palavras podem vir aos borbotões, como no primeiro capítulo da carta aos Gálatas. Às vezes ele irrompe abruptamente para mergulhar numa nova linha de pensamento. Nalguns pontos ele toma um longo fôlego e dita uma sentença quase sem fim.

Temos em 2 Coríntios 10:10 uma pista de como as epístolas de Paulo eram recebidas e consideradas. Mesmo seus inimigos e críticos reconheciam o impacto do que ele tinha para dizer, pois sabemos que comentavam: “As cartas, com efeito, dizem, são graves e fortes...” (2 Coríntios 10:10).

Líderes fortes, como Paulo, tendem a atrair ou repelir os que eles buscam influenciar. Paulo tinha tanto seguidores devotados quanto inimigos fígados. Como consequência, seus contemporâneos mantinham opiniões variadíssimas a seu respeito. Os mais antigos escritos de Paulo antedatam a maioria dos quatro Evangelhos. Refletem-no como um homem de coragem (2 Coríntios 2:3), de integridade e elevados motivos (vv. 4-5), de humildade (v. 6), e de benignidade (v. 7).

Paulo sabia diferenciar entre sua própria opinião e o "mandamento do Senhor" (1 Coríntios 7:25). Era humilde bastante para dizer "Segundo minha opinião" sobre alguns assuntos (1

Coríntios 7:40). Ele estava bem cômico da urgência de sua comissão (1 Coríntios 9:16-17), e do fato de não estar fora do perigo de ser "desqualificado" por sucumbir à tentação (1 Coríntios 9:27). Ele se recorda com pesar de que outrora perseguiu a igreja de Deus (1 Coríntios 15:9).

Leia o capítulo 16 da carta aos Romanos com especial atenção à atitude generosa de Paulo para com os seus colaboradores. Ele era um homem que amava e prezava as pessoas e tinha em alto apreço a comunhão dos crentes. Na carta aos Colossenses vemos quão afetivo e amigoso Paulo poderia ser, mesmo com cristãos com os quais ainda não se havia encontrado. "Gostaria, pois, que saibais, quão grande luta venho mantendo por vós... e por quantos não me viram face a face", escreve ele (Colossenses 11).

### Hereges do Novo Testamento

Desde o primeiro século, a igreja tem sido infestada por indivíduos que tentam torcer a verdade, adaptando-a à sua própria fantasia, ou "refinando-a" para torná-la mais aceitável ou "sensível". De especial interesse à igreja primitiva eram três grupos de hereges: judaizantes, gnósticos e nicolaítas.

*Os judaizantes.* À princípio a igreja compunha-se inteiramente de judeus convertidos que reconheciam a Jesus como o Messias, o Ungido de Deus. Mas quando Paulo começou o seu ministério entre os gentios, alguns cristãos judeus advertiram que um gentio não poderia tornar-se cristão *a menos que* primeiro se tornasse judeu. Diziam que os convertidos gentios deviam praticar rituais físicos como a circuncisão e a obediência à Lei que os judeus tinham guardado por centenas de anos (Atos 15.1-31).

À medida que se espalhava o ministério de Paulo, logo se evidenciou que os gentios estavam inundando a igreja com esta doutrina judaica. Os líderes cristãos judeus seguiam nas pegadas de Paulo, exigindo que os crentes gentios se conformassem às crenças deles. Usavam as Escrituras do Antigo Testamento para sustentar seu ponto de vista. Às vezes esses "judaizantes" até precediam Paulo em suas viagens missionárias. Em tais casos, causavam tanto tumulto que pouco ou nenhum trabalho evangelístico se podia fazer.

*Os gnósticos.* Os gnósticos ensinavam que Jesus não era realmente Filho de Deus. Para as suas mentes, a matéria era má e o espírito era bom. Visto que Deus era bom (e espírito) ele não poderia ter pessoalmente criado um mundo material (mau). Argumentavam mais que uma vez que espírito e matéria não poderiam misturar-se, Cristo e Deus não poderiam ter-se unido na pessoa de Jesus. O nome deles deriva-se da palavra *gnosis* ("conhecimento"), professando ter especial discernimento das verdades secretas da vida.

Os arqueólogos têm encontrado diversos manuscritos de papiro gnósticos no Egito. Alguns são escritos pseudo-epígrafos, tais como a "Sabedoria de Jesus Cristo" e "Atos de Pedro". Talvez o livro gnóstico mais bem conhecido é o *Pistis Sophia* ("Fé pelo Conhecimento"), que foi traduzido para o inglês e para o francês.

Muitas pequenas comunidades gnósticas espalhavam-se através do Oriente Próximo. Cada uma desenvolveu doutrinas únicas, criadas por elas mesmas. Hoje devemos contar com seus manuscritos para investigar as crenças de cada comunidade, e em muitos casos é difícil dizer se determinado grupo era gnóstico ou uma seita religiosa totalmente diversa. Um notável exemplo disto é a comunidade de escribas (ou copistas) de Qumran.

Paulo menciona três homens que trocaram a fé por esta heresia: Himineu, Alexandre e Fileto (1 Timóteo 1.20; 2 Timóteo 2.17-18). Eles alegavam que a ressurreição já havia passado, crendo, talvez, que qualquer "sobra" do espírito quando um homem morre, é absorvida de novo em Deus.

*Os nicolaítas.* João concentrou-se numa forma mais extremada de gnosticismo agressivo que grassou por toda a igreja do primeiro século (1 e 2 João; Apocalipse 2.6, 14, 15). Esses eram os *nicolaítas*. Os sustentadores dessa doutrina mortal alegavam que, visto como seus corpos eram físicos (e portanto maus), somente o que os seus espíritos faziam era importante. Assim, sentiam-se livres para ter relações sexuais indiscrimina-

das, comer alimentos que tinham sido oferecidos a ídolos, e fazer com seus corpos o que bem lhes aprouvesse.

A igreja primitiva tratou com firmeza aqueles que se desviavam das preciosas verdades de Cristo. Os crentes barraram os heréticos da comunhão e oraram para que fossem salvos. Paulo censurou-os abertamente. (Paulo até se voltou contra eles num ponto quando Pedro se recusou a comer com cristãos gentios na presença de cristãos judeus – Gálatas 2.12-16.) Ele achava que os heréticos tinham que ser cortados da igreja antes que divulgassem suas idéias ruins.

Irineu, Tertuliano e outros pais da igreja denunciaram os nicolaítas juntamente com os gnósticos. Irineu relatou que a seita recebeu seu nome de Nicolau, diácono da primeira comunidade nicolaíta, o qual se deleitava no adultério.

Na carta aos Colossenses lemos também a respeito de um homem chamado Onésimo, escravo fugitivo (Colossenses 4:9; Filemom 10), que evidentemente havia acrescentado ao furto o crime de abandonar o seu dono, Filemom. Agora Paulo o havia conquistado para a fé cristã e o persuadira de voltar ao seu senhor. Mas conhecendo a severidade do castigo imposto aos escravos fugitivos, o apóstolo desejava convencer a Filemom a tratar Onésimo como irmão. Aqui vemos Paulo, o reconciliador. E tudo isso ele fez a favor de um homem que estava no degrau mais baixo da escada da sociedade romana. Contraste essa atitude com o comportamento do jovem Saulo guardando as vestes dos apedrejadores de Estevão. Observe quão profundamente Paulo havia mudado em sua atitude para com as pessoas.

Nesses escritos vemos Paulo como amigo generoso, afetivo, um homem de grande fé e coragem - mesmo em face de circunstâncias extremas. Ele estava totalmente comprometido com Cristo, quer na vida, quer na morte. Seu testemunho é profundamente firmado nas realidades espirituais: "Tanto sei estar humilhado, como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias já tenho experiência, tanto de fartura, como de fome; assim de abundância, como de escassez; tudo posso naquele que me fortalece" (Filipenses 4:12-13).